



Os tempos das imagens da Avenida Independência em Porto Alegre¹

*

Introdução

Porto Alegre, assim como muitas cidades latino-americanas, serviu e serve de espaço de reverberação, onde ressoam os modelos urbanísticos europeus e norte-americanos. Como resultado, inúmeras sobreposições acontecem sobre o conjunto de edificações que tem importância histórica e cultural. A definição das práticas de preservação, aplicadas no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental - PDDUA, não tem sido organizada de modo integrado as práticas de planejamento urbano. O projeto de cidade, resultante do plano diretor, não produz uma atmosfera onde os diferentes elementos de uma paisagem coexistam de fato. Os processos acontecem de formas paralelas onde o interesse pela preservação da paisagem urbana e cultural está em constante provação, como se este fosse um setor e não algo que faz parte do interesse do coletivo da cidade.

Como em outras metrópoles brasileiras, em Porto Alegre a elite ocupava o centro e suas imediações. Ali foram construídos casas e palacetes de alto padrão para a época, que serviram de cenários significativos à formação da cidade de Porto Alegre.

Na Avenida Independência foram construídas edificações de saúde, religiosas e de ensino, muito significativas a vida da cidade desde suas criações até os dias atuais. Também são presentes, nesta via, edificações construídas a partir do período do Estado Novo, e que estabeleceram grandes contrastes entre outros modelos morfológicos, precursores deste

¹ Palavras-chave: Imagem urbana; planejamento; instagram.

* SIMÕES, José Daniel Craidy. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. jdsimoes@terra.com.br

percurso. Atualmente imóveis de alturas muito diferentes convivem na Avenida Independência.

A partir dos anos 30 do século XX a Avenida Independência serviu a um plano de urbanização que buscava um modelo de modernização da cidade, assim como todo o centro. Durante o período do Estado Novo havia uma idéia de progresso e de modernidade perseguida em todo o País. Em Porto Alegre, essa busca aconteceu com a realização de grandes obras viárias e na verticalização das novas construções. Estabeleceram-se nessa paisagem grandes diferenças de altura entre as edificações, além de faces de edificações como empenas cegas e recuos desencontrados.

Analisando a Avenida Independência verificam-se as mudanças da paisagem que marcaram esta via de maneira ambígua. A divulgação de imagens desta Avenida, em vários períodos, serviu de ferramenta para a construção de diferentes sentidos sociais, referentes ao estado de desenvolvimento da cidade. Buscando modernizar-se Porto Alegre modificou sua urbanidade.

A formação da Avenida Independência

A partir da instalação da então Capela da Conceição e da edificação da Beneficência Portuguesa, casas e palacetes residenciais foram sendo construídas em continuidade aos percursos da Rua Annes Dias e da Rua Da Praia. A construção destas edificações mostrava uma continuidade do modelo presente na Rua Duque de Caxias, composta por residências da elite da cidade, que tinham traços da arquitetura colonial.

De fato, desde o início de sua formação, a exploração de uma imagem do “novo” sempre teve espaço nessa via. A imagem de uma arquitetura colonial deu espaço a estéticas neoclássicas, eclética e Art’deco, durante o fim do século XIX e início do XX. Por meio de imagens, as intervenções na estrutura urbana da Avenida Independência foram exibidas como exemplo de cidade urbanizada.



Figura 1: Avenida Independência, década 1920/30 – Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/autor desconhecido, Coleção do Dr. João Pinto Ribeiro Netto.

Na Figura 1, da Avenida Independência, realizada por autor desconhecido, nota-se um cuidado em demonstrar as linhas de energia elétrica dos bondes que ali operavam. Esta afirmação se faz possível pela preocupação em realizar a fotografia em uma altura próxima às linhas e dentro do percurso da via. Nesta imagem também se nota a presença de um semáforo para ordenamento entre o cruzamento da Avenida Independência com a Rua da Conceição, além da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da edificação da Beneficência Portuguesa. Não há uma centralidade na imagem, sugerindo a observação dos vários elementos que a compõem.

A Figura 2 mostra uma perspectiva da Avenida a partir de uma das esquinas da Rua Garibaldi com a Avenida Independência. Nela uma perspectiva da Avenida Independência sugere uma ocupação de edificações de forma equilibrada, onde a paisagem tem um padrão de edificações de dois pavimentos, construídas no alinhamento dos lotes. A imagem mostra o canteiro central da Avenida, aparentemente recém instalado e ainda sem vegetação. De certa forma, ressoa os bulevares franceses de Haussmann construídos no século XIX em Paris. As edificações da imagem demonstram um padrão formal equilibrado, apesar dos postes de eletricidade à frente de suas fachadas. Também compõem esta imagem alguns automóveis circulando no sentido da “mão inglesa” e pessoas aparentemente postadas para o registro fotográfico.

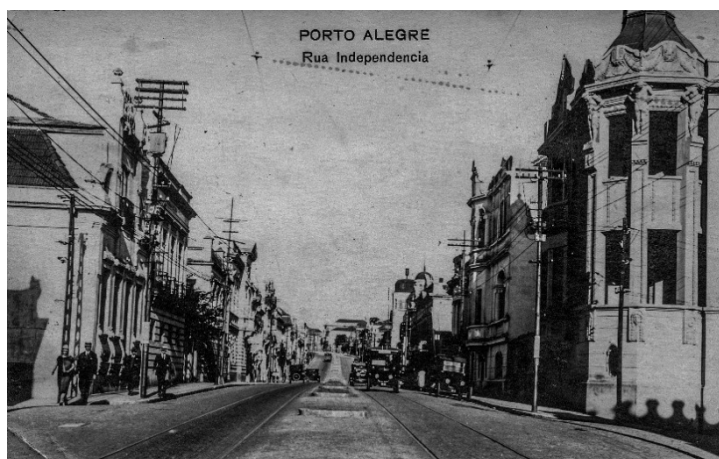


Figura 2: Avenida Independência, esquina Rua Garibaldi, década de 1920. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/autor desconhecido.

As imagens urbanas produzidas buscavam alimentar o imaginário da população acerca das modernizações da cidade. A imprensa tinha participação nesse processo como demonstra Zita Rosane Possamai:

No início do século XX, ganharam as páginas das revistas ilustradas, como *Mascara*, *Kosmos*, *Kodak* e, posteriormente, *Revista do Globo*. As vistas urbanas ocupavam parte substancial desses semanários, que destinavam considerável espaço às transformações urbanas. Dessa forma, a imprensa potencializou o poder de difusão das representações ligadas à modernidade urbana, fazendo circular imagens das reformas levadas a efeito e das novas sociabilidades cidadinas. (POSSAMAI, 2012: 6).

A Figura 3 destaca um imponente palacete à frente de um bulevar. A imagem conduz o observador à análise dos vários elementos que a compõem, como as edificações contínuas ao palacete, o canteiro central da Avenida, com uma vegetação ainda jovem, o semáforo, os trilhos do bonde e a circulação de automóveis que, agora, estão no sentido da “mão francesa”.



Figura 3: Avenida Independência, década de 1930 - Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/autor desconhecido, Coleção do Dr. João Pinto Ribeiro Netto.

O Estado Novo na Avenida

Com o processo de industrialização do País, as cidades brasileiras, tiveram um rápido crescimento de suas densidades. A população do campo iniciou um processo de migração para as cidades, intensificando a necessidade de projetos de urbanização.

Em 1933 começam a surgir em Porto Alegre os primeiros edifícios de uma arquitetura modernista em Porto Alegre. Neste mesmo ano, a Avenida Independência é rebatizada com o nome de Avenida José Antônio Flores da Cunha, na linha do “culto à personalidade”. A mudança durou até 1937, ano da decretação do Estado Novo, quando foi retomado o nome original.

Em 1939, o então prefeito Loureiro da Silva constituiu um conselho para assessorá-lo nas reformas urbanísticas. Contratou o engenheiro Arnaldo Gladosh para confeccionar o Plano Diretor da Cidade. Nesse período, a circulação de idéias de modernização das cidades se intensificou. Também em 1939, Getúlio Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP. Em 1940, o DIP, instalou um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) em cada estado do País, com as mesmas atribuições.

Na década de 1940, os jornais publicavam freqüentemente as intervenções pelas quais a cidade passava. Em 1944 o prefeito Antônio Brochado da Rocha emitiu o decreto² de quatro de fevereiro que instituiu o alargamento de ruas e avenidas para aperfeiçoamento do sistema viário. O desejo era de transformar a cidade de Porto Alegre, que tinha características de uma cidade colonial, em uma cidade moderna. A imagem de Manhattan em Nova Iorque e seus arranha-céus, nesse momento, era uma referência muito empregada. Os modelos eram cidades européias e norte-americanas modernizadas. Conforme Fiore e Machado (2016): “A noção de lugar por algo ‘*autóctone*’, ‘*local*’, por suas estruturas antigas, históricas, estava praticamente ausente. O lugar era avaliado em grande medida em comparação com outros lugares tidos como exemplificativos dos anseios em pauta”.

Mesmo com o fim do Estado Novo, os anseios de modernização da cidade continuaram. Porto Alegre adquiriu a importância de metrópole. Na Avenida Independência, em 1951, foi aprovado o projeto edifício Mariante³ (altura do nº600), localizado no cruzamento da Independência com a Rua Garibaldi (com acesso por esta via). Possuía 11

²Decreto emitido por Antônio Brochado da Rocha em 4 de fevereiro de 1944.

³Processo 23025/51, Arquivo Municipal de Porto Alegre.

pavimentos em sua face para a Avenida Independência. Esta edificação foi uma das primeiras a desencadear um processo de modificação da paisagem da Avenida Independência.

Nesse período a imagem dos arranha-céus servia de “modelo” a qualquer cidade que quisesse ser moderna. Em 1952 o então prefeito Ildo Meneghetti emitiu uma lei⁴ que estabelecia normas sobre a altura das construções. Esta lei determinava a altura de até 70 metros, em algumas vias. Em outras, a altura era definida por uma relação entre a largura das ruas e altura das edificações. Iniciou-se nesta fase uma verticalização acelerada na cidade de Porto Alegre, apoiada fortemente pelo setor privado. Em 1953 surgiu o edifício Santa Tecla, projetado por Edgar Guimarães do Valle. Afastado do alinhamento da Avenida, apresenta vinte e três pavimentos.

Em 1970 correu o último bonde nesta via. Durante a gestão do prefeito Célio Marques Fernandes, a Avenida é asfaltada e também são retirados os canteiros centrais e sua vegetação. A frota de automóveis crescia muito e demandava novos espaços viários. A Avenida é transformada em uma via de circulação rápida entre o centro e o bairro. Em 1972, o então prefeito engenheiro Telmo Thompson Flores, entrega o Túnel da Conceição, uma obra viária com três níveis e que faz limite com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que dá o nome à obra. A elevada teve uma ampla cobertura da imprensa, desde as fases preliminares da obra até a inauguração.

Entre 1987 e 1996 três edificações foram tombadas pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultura – EPHAC. Em 1990, outra edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. IPHAN. Todas as edificações tombadas por estes Órgãos são Palacetes de dois pavimentos, construídos entre os anos de 1889 e 1926.

Em 2008 são listados 12 imóveis classificados como *bens inventariados de compatibilização*⁵ e 37 imóveis como *bens inventariados de estruturação*, no inventário da Avenida Independência.

A Avenida Independência contemporânea e seus sentidos

⁴Lei nº 986, 22 de dezembro de 1952. Dispõe sobre a altura das construções.

⁵As edificações Inventariadas de Estruturação não podem ser destruídas, mutiladas ou demolidas, sendo dever do proprietário sua preservação e conservação [...]. As edificações Inventariadas de Compatibilização poderão ser demolidas ou modificadas, por meio de Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU) (Art. 10, Lei Complementar 601).

Os usuários e seus diferentes interesses sobre a Avenida Independência são os que produzem a identidade atual da Avenida. Walter Benjamim, em seu texto “A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica”, escrito em 1936, já afirmava:

Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. [...] onde a coletividade procura a distração, não falta de modo algum à dominante tátil, que rege a reestruturação do sistema perceptivo. É na arquitetura que ela está em seu elemento, de forma mais originária. Mas nada revela mais claramente as violentas tensões do nosso tempo que o fato de que essa dominante tátil prevalece no próprio universo da ótica. (BENJAMIM, 1936: 31).

Na busca de um entendimento das culturas presentes sobre este ambiente é feita uma análise através do sentido visual dado por seus diferentes usuários, através dos temas abordados. A cidade e a Avenida Independência contemporânea continuam sendo representadas por recortes de seus espaços por imagens.

Para os autores Robert Beck e Ulrite Krampfl são os sentidos humanos que fazem, de fato, a cidade. Os sentidos humanos seriam aquilo que dão sustentação à realidade social do espaço.

[...] mais do que um quadro simples das ações que lá ocorrem, a cidade é, desde então, considerada como um espaço tornado significante pela interação entre as diferentes dimensões – material social econômico e a de poder – que comporta o espaço, a interação entre o prédio e as apropriações pelos homens que ali passam e lá permanecem. Este novo olhar permite captar fenômenos de espacialização sensorial da vida social, política e cultural da cidade. Pensar o vínculo intrínseco entre significado e espaço nos leva a entender, de forma diferente, o que constitui a urbanidade de um lugar: uma cidade certamente se diz, pensa e se escreve, mas uma cidade também se experimenta por meio dos sentidos - os sentidos fazem a cidade. (Beck e Krampfl, 2013: 19-20, tradução nossa).

Buscando captar as interações entre as dimensões visuais e táteis, descritas por estes autores, a seguir, serão analisadas imagens contemporâneas. Estas imagens foram publicadas por usuários da Avenida no aplicativo *Instagram*⁶. São representativas de um conjunto de imagens georreferenciadas na Avenida Independência, por meio do uso da expressão *#Avindependênciapoa*; são também imagens de Porto Alegre publicadas com as expressões *#avenidaindependência* ou *#avindependencia* que reúnem imagens de avenidas de diferentes lugares com o nome de Independência. Além das publicações com estas três marcações, foram consideradas, nesta análise, imagens publicadas pelo coletivo *Instagramers Porto Alegre*, ou *#Igerspoa* (as imagens com estas marcações foram publicadas neste aplicativo de forma pública).

⁶Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotografias para usuários de celulares. Neste aplicativo são publicadas as “fotografias móbile”, ou “mobgrafias”.

Se considerarmos o número de imagens publicadas nas redes sociais, que têm como tema principal ou secundário o ambiente urbano pode-se afirmar que a Avenida Independência não apresenta, nos dias atuais, a mesma importância de tempos passados. No entanto, ao se utilizar imagens da Avenida na construção de significados, seus usuários trabalham de forma inconsciente sobre alguns sentidos, como, por exemplo, os regimes visuais.

A análise destas imagens aborda a repetição dos temas utilizados. Desta forma, entre as imagens analisadas, 25% têm como tema as edificações mais antigas da Avenida, remanescentes do primeiro modelo formal construído - as edificações de casas e palacetes. 23,8% das imagens têm como tema arte de rua, ou arte efêmera. 17% das publicações mostram imagens de pessoas utilizando o espaço público. Em 14% o tema central está no fluxo de carros e a perspectiva da Avenida. Cerca de 6% das imagens tratam de edificações construídas a partir das modernizações ocorridas nos anos 50. Em 12,5% das imagens são de temas diversos, como placas, muros e ambientes internos das edificações. 1,5% tratam de imagens de comidas. Outros 1,5% tratam de imagens de outros lugares.



Imagem 4, Casa Godoy – edificação tombada e outras edificações inventariadas. Aplicativo Instagram/@jotacsilva

A imagem 4 a seguir, representa o tema mais presente entre as publicações: As edificações pertencentes a primeira tipologia construídas na Avenida Independência. A perspectiva mostra, em primeiro plano, a Casa Godoy, construída entre 1904 e 1907, e tombada pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultura – EPHAC, em 1996. As demais edificações do conjunto são listadas no inventário da Avenida Independência como edificações Inventariadas de Estruturação. A imagem ainda mostra, ao fundo, o Edifício do condomínio São Paulo, na esquina da Avenida Independência com a Rua Barros Cassal, construído em 1953.

Outros fragmentos do primeiro perfil de edificações também são temas recorrentes, como: Os edifícios da Santa Casa de Misericórdia, Beneficência Portuguesa, a Igreja Nossa Senhora da Conceição entre outros. Raras são as imagens que conseguem captar este perfil de edificação sem a presença de outro modelo com altura contrastante.



Imagens 5 e 6, Monalisas da Elevada da Conceição e da lateral da edificação de número 565 da Avenida Independência. Aplicativo Instagram/@larajr e instagram/@calabocaleticia.

As imagens 5 e 6 são representativas de outro tema bastante recorrente entre as fotografias encontradas: As Monas - dois conjuntos, cada um com três “Monalisas”, construídos em mosaicos de cerâmica. Um está em uma “empena cega”⁷ de uma edificação antiga desocupada, e outra no guarda corpo da elevada da Conceição. Estas instalações foram realizadas pela artista plástica Silvia Marcon, em diversas partes da cidade de Porto Alegre. O tema das “Monas” corresponde a 14% (dos 23,7%) do total de imagens da Avenida Independência

Considerações Finais

As primeiras imagens da Avenida Independência traziam a representação desejada, por uma parcela de seus habitantes, como imaginário da cidade de Porto Alegre. Atualmente, se considerarmos o número de imagens publicadas nas redes sociais, que têm como tema principal ou secundário o ambiente urbano, pode-se afirmar que a Avenida Independência não apresenta, nos dias atuais a mesma importância de tempos passados.

O alcance da urbanidade de um lugar é sentido como uma experiência íntima e social, feita de expectativas culturais e emocionais. O ambiente da cidade exibido em redes sociais é, na maioria das vezes, carregado de percepções sensoriais. A cidade forma percepções por

⁷Lateral de uma edificação que faz limite com a divisa do lote correspondente.

meio dos atos decorrentes de sua administração. As mudanças de padrões de edificação sobre espaços urbanizados são capazes de apagar faces da história das cidades.

A idéia de ideal de modernidade, presente no início do século XX, trouxe drásticas mudanças formais sobre a urbanização. Durante algum tempo, trouxe também uma visão carregada de niilismo sobre a cidade de Porto Alegre. A diversidade dos olhares por meio dos aplicativos de redes sociais traz outros significados dos imaginários contemporâneos quando comparados ao imaginário de outros períodos.

A intencionalidade sobre as imagens produzidas na Avenida Independência segue presentes, em nossos dias. No entanto, os agentes que as produzem e seus motivos têm outros significados. A paisagem resultante da busca de modernizações sobre o espaço de edificações pré-existentes trouxe uma dificuldade à legibilidade da via. Desta forma, o usuário não demonstra interesse sobre a diversidade dos elementos que a compõem. Seu interesse aparece, principalmente, sobre alguns fragmentos da Avenida Independência.

Fontes primárias

Acervo Fotográfico do Museu Joaquim José Felizardo.

<https://www.instagram.com/explore/tags/avenidaindependencia/>

<https://www.instagram.com/explore/tags/avindependencia>

<https://www.instagram.com/explore/locations/210909096103369/av-independencia-poa/>

<https://www.instagram.com/igerspoa/>

Referências Bibliográficas

BECK, KRAMPL et RETAILLAUD-BAJAC, *Les cinq sens de la Ville*, du Moyen âge à nos jours. France: PUF, 2013.

BENJAMIN, W., *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutividade Técnica*, São Paulo: Abril S.A. Cultura e Industrial, 1975.

FRANCO, S. da C. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.

----- *Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica: 1732-1950*. Porto Alegre: Ed. Letra&Vida, 2012.

POSSAMAI, Z. R., *Fotografia e Cidade*. Uberlândia: ArtCultura, v. 10, n. 16, p. 67-77, 2008.